

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA

BACHARELADO EM TEOLOGIA

ANDERSON SOUSA COUTINHO

COÉLET E NIETZ:  
UMA CONVERSA ENTRE TEOLOGIA E O AMOR FATI

VITÓRIA-ES

2021

ANDERSON SOUSA COUTINHO

COÉLET E NIETZ:  
UMA CONVERSA ENTRE TEOLOGIA E O AMOR FATI

Trabalho de Conclusão de Curso como  
requisito parcial para obtenção do grau de  
Bacharel em Teologia. Faculdade Unida de  
Vitória.

Orientador Abdruschim Schaeffer

VITÓRIA-ES

2021

COÉLET E NIETZ:  
UMA CONVERSA ENTRE TEOLOGIA E O AMOR FATI

*Anderson Sousa Coutinho<sup>1</sup>*

O presente trabalho teve como principal objetivo traçar um diálogo entre Coélet e Nietz, na tentativa de entender os principais temas que desenharam o pensamento desses dois pensadores, cada qual, testemunha de um tempo de crise. Em Eclesiastes, como foi possível perceber, a fonte de angústia do pregador é latente e expressiva, principalmente quando entende a diferença entre o poder de Deus, em sua estrutura Divina e imortal, e a fragilidade humana, em sua estrutura mortal e passageira. Assim sendo, Coélet nos desafia a refletir a vida quanto vapor, como morte. Em Nietz, por sua vez, constata-se que o niilismo assume importância e significação na obra tardia de Nietzsche, a partir da investigação da história da moral. Por fim, verificou-se que o Amor Fati, trazido pela filosofia Nietzscheana, expressa a qualidade e habilidade dos seres humanos para viver e experimentar todos os acontecimentos da vida, tomando sua realidade no agora que sempre retornará, tanto nos momentos bons como nos ruins. A metodologia adotada no presente estudo foi pesquisa bibliográfica e análise qualitativa.

Palavras-chave: Eclesiastes. Coélet. Nietzsche. Pessimismo. Aceitação

## INTRODUÇÃO

“Coélet e Nietz, uma conversa entre teologia e o amor Fati”, teve como objetivo um diálogo entre suas maneiras de ver a vida. Eclesiastes é um dos escritos sapienciais endereçado à nação de Israel; já do ponto de vista filosófico, o livro nos traz uma ação revisória da ideia que Salomão expressa em Provérbios. Uma análise teológica revela um esforço por ampliar a visão e propósitos de Deus em relação ao homem, a partir do ponto de vista daquele que foi o mais sábio e rico dos reis, e um dos mais bem sucedidos governantes da história, agora maduro, experiente e mais sábio, porém, desiludido com a vaidade da vida terrena. Em Eclesiastes, Salomão abandona aquele tom otimista, próprio do jovem, que tem resposta para tudo, revelando um universo ainda por decifrar. Tão complexo, e de certa forma, em sua totalidade, indecifrável na visão humana.

---

<sup>1</sup> Graduando em Teologia. Faculdade Unida de Vitória. 2021/2.

Do ponto de vista humano e filosófico, conforme o autor apresenta nos primeiros versículos deste capítulo, o texto não remete nosso raciocínio para além desta existência terrena. O que torna a mensagem um tanto pessimista em relação a vida, isto entendemos ao perceber que o autor fala da vida humana em geral e do que acontece aqui, debaixo do sol, como se refere a esta vida em outro texto desses escritos sapienciais. Neste caso, sob este prisma, a questão de dias bons e dias maus fica circunscrita a subjetividade da percepção humana, ou seja, do mal e do bem.

Em Nietz, a vida é tomada pelo ser humano e precisa ser vivida com intensidade. As tragédias e fatalidades são vistas pelo filósofo como positivas, na afirmação da vida. O pessimismo é uma forma de criticar as concepções que tentam amenizar a vida e suas sucessões de mudanças. Nietz, neste sentido, nega toda participação metafísica na existência do homem, dando a ele a autonomia necessária para negar os discursos prontos, de uma vida de contentamento. Sendo assim, enquanto para o autor de Eclesiastes a vida é um vapor (hebel), para o filósofo alemão ela é dinâmica, tendo em suas tragédias o seu ponto mais forte. Conhecer esse terreno vulcânico da vida é necessário, tanto para diálogos quanto para possibilidades, na construção da maturidade e aceitação, principalmente para aqueles que insistem em negar a potência da vida e buscam por realidades inalcançáveis.

## 1 COÉLET: UM PANORAMA DO PERSONAGEM E DA ESCOLA SAPIENCIAL

O livro bíblico de Eclesiastes é protagonizado por Coélet, sábio pregador e representado por Salomão, mediante um recurso artístico-literário, tendo em vista que Salomão constitui o símbolo mais expressivo da Sabedoria de Israel. Se não, vejamos: “Dediquei-me a investigar e a usar a sabedoria para explorar tudo o que se faz debaixo do céu” (Ecl 1, 13). O autor do livro do Eclesiastes, chamado com o nome hebraico de *Coélet*, viveu com a maior probabilidade em Jerusalém, durante o século III a.C., e escreveu seu livro entre 250 e 200 a.C (STORNILO).

Portanto, de acordo com a opinião mais aceita pelos estudiosos desse livro, Eclesiastes teria sido escrito por volta do ano 280 a.C. No entanto, outras visões acerca de sua obra, atribuem-lhe vários autores e tempo histórico (O TEMPO, 2016).

O Ec é fruto de seu tempo, ou seja, da influência helenística sobre a religião e a fé judaicas. Ele teve contato próximo com a filosofia grega e, por extensão, com os ensinamentos platônicos sobre a separação corpo-alma-espírito (ZIEGLER, 2006).

Destarte, nome grego Eclesiastes é a tradução do hebraico *Qoheleth*, ou seja, “o homem que fala na *qahal* ou na assembleia, o orador, o pregador” (COMSHALOM, 2009). Assim sendo, Coélet seria o autor do Eclesiastes, porém, não se trata de é um nome próprio de uma pessoa, mas, da profissão de pregador, para uma reunião de pessoas. Daí origina-se a palavra grega Eclesiastes, da mesma raiz de “*eclesia*”, que significa também igreja, ou reunião de pessoas para ouvirem um pregador (O TEMPO, 2016).

A pergunta pelo sentido da vida e a frustração decorrente do fato de todos os seres humanos serem mortais, portanto, inferiores aos deuses, constituem dois dos elementos fundantes da psique humana. O livro do Eclesiastes, em seu tempo, e a psicologia profunda, a partir do séc. XX, são duas tentativas de trabalhar esses assuntos e buscar saídas para uma nova forma de fruir a vida e chegar à sabedoria que se eleva para além do mundo terreno, valorizando a vivência espiritual, a- fetiva e emocional, para além dos limites estreitos do poder derivado da posse de bens materiais (ZIEGLER, 2006).

Na análise do livro do Eclesiastes, os dois principais assuntos a serem considerados são a) a preocupação com a morte e o fato de que nada resta após ela, nem mesmo a memória de quem morreu, e b) a correlação entre as reflexões sobre a morte e o incentivo para a fruição da vida.

Isso posto, cabe dizer, que em suas primeiras linhas, o livro de Coélet esboça uma narrativa que tem por objetivo explicar a vida, esta nossa vida concreta que se desenrola debaixo do sol, como matéria da sua investigação. É à história propriamente dita que o autor aplica o seu coração (sede da inteligência), para perscrutar a realidade nas suas áridas contradições, incoerências e limites, demonstrando o quanto é vã a ilusão prometaica que a história faz de si mesma, investida de força, de conhecimento absoluto e de poder, encobertando as suas vulnerabilidades e fraquezas (L'OSSERVATORE ROMANO, 2021).

Doravante, Coélet levanta uma pergunta de suma importância, que o lança no seu principal interregno: “que proveito tem o homem de todo o seu trabalho, com que se afadiga

debaixo do sol?”. Aqui, o autor se coloca do lado do povo que trabalha, questionando-se a respeito do proveito ou fruição que essa camada tira do seu trabalho. A palavra trabalho, aqui, em hebraico, *amal*, exprime em geral o trabalho penoso do escravo, e é o sinônimo de fadiga. Essa palavra, neste sentido, é frequente em seu livro, aparecendo repetidas vezes, em forma de substantivo, como também em forma de verbo. Assim sendo, podemos dizer que o problema do trabalho, e da sua fruição, está no centro de toda a pesquisa de Coélet (STORNILO).

Austero mestre, Coélet recusa o caminho da condescendência, negando que a vida seja uma ficção ou uma ideologia. Diferente disso, acredita no valor da experiência, no fazer e refazer da existência em todas as suas estações, no gigantesco passo de civilização que representa, por exemplo, o reconhecimento da vulnerabilidade que nos fere e da necessidade de perdoar e de ser perdoado. Logo, o autor reconhece a própria ambiguidade que nos habita (L’OSSERVATORE ROMANO, 2021).

Isso posto, Coélet não usa a desconstrução como uma arma, e sim como um instrumento para preparar a terra. Não se trata de arrancar, mas de semear, de acordo com Coélet. Semear uma visão honesta do que em nós resta por fazer, por aclarar e por decidir até ao fim. Mostrando como somos atravessados por tempos tão diversos, que é preciso hospedar com esperança, numa interminável aprendizagem, e escutar com profecia. O tempo não seria, neste sentido, apenas uma clepsidra que nos esvazia, nem mesmo o krónos que nos devora. O tempo seria o nosso momento, a nossa oportunidade para crescer, maturar, ou seja, para aprender a viver com sabedoria (L’OSSERVATORE ROMANO, 2021).

É a partir deste ângulo que Coélet assegura:

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu. Há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou; tempo de matar e tempo de curar; tempo de derrubar e tempo de edificar; tempo de chorar e tempo de rir; tempo de prantear e tempo de dançar; tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar e tempo de afastar-se de abraçar; tempo de buscar e tempo de perder; tempo de guardar e tempo de lançar fora; tempo de rasgar e tempo de coser; tempo de estar calado e tempo de falar; tempo de amar e tempo de odiar; tempo de guerra e tempo de paz (*Ecl* 3, 1-8).

O livro de Eclesiastes também trata da vaidade ou da deficiência dos bens. É um monólogo, onde o autor discute consigo mesmo a respeito da possibilidade de encontrar a felicidade no gozo do prazer, no trabalho, no cultivo da sabedoria, nas riquezas, e verifica que

em tudo existe decepções para o homem; todos os bens se assemelham a vaidade, isto é, ao sopro ou ao vento que “escapam quando alguém os quer segurar pelas mãos” (COMSHALOM, 2009).

Coélet faz uma pesquisa completa e metódica sobre a condição humana e as tentativas de realização, chegando a um decepcionante resultado, qual seja: “tudo é vaidade”, isto é, vazio, frágil, sem consistência e, portanto, ilusório (Ecl 1, 2). O autor, ao que parece, não tinha uma consciência de uma vida póstuma; ao contrário, compartilhava a ideia de que, pós a morte, o ser humano entra em estado de torpor e se torna incapaz de receber a retribuição de seus atos bons e maus. Por conseguinte, Deus exerceria sua justiça aqui na terra. Ora o autor de Ecl. tem um certo desânimo por ver que os ímpios são sadios e ricos, ora não compreende o porquê de os fiéis sofrerem perseguições e miséria (COMSHALOM, 2009).

De acordo com Cavalcanti (2017), Coélet é um cético, desconfia dos portadores de um progresso que mais explora do que liberta. Ele é um crítico, impiedoso, que às vezes até exagera, mas também traz algumas palavras de poesia e esperança. Posto isso, o livro do Eclesiastes, também chamado Coélet, faz parte do conjunto de livros do Antigo Testamento, chamados “sapienciais”, ou livros de Sabedoria. Nunca é demais lembrar, que a palavra Eclesiastes significa “aquele que fala na Assembleia”, ou seja, o “mestre”, e corresponde à tradução do termo hebraico Coélet. Isto significa, como bem destacou Cavalcante, que se trata de um livro para ser usado na Sinagoga, que é o lugar de reunião do povo judeu, onde se lê a Escritura, se reza e transmite a Tradição (CAVALCANTI, 2017).

De acordo com Ziegler (2006), uma das principais tensões do texto do livro do Eclesiastes está no embate entre a sabedoria israelita tradicional e os pontos de vista do autor. Estes pontos de vista tinham como lastro os conhecimentos que o autor parecia ter da filosofia grega, da literatura egípcia e da sabedoria mesopotâmica, sendo que a “imersão” forçada da Palestina na filosofia grega foi o que deflagrou os conflitos de pensamento e de Weltanschauung evidentes no texto.

Como podemos inferir, os livros Sapienciais apresentam a sabedoria, a experiência e a espiritualidade do povo de Deus. São formados por 7 livros, dos quais 5 sapienciais ou didáticos, *Provérbios*, *Jó*, *Eclesiastes (Coélet)*, *Eclesiástico (Sirac)* e *Sabedoria*. A estes, são acrescentados dois livros poéticos, líricos: *Salmos* e *Cântico dos Cânticos*. Esses livros, por sua vez, apresentam a sabedoria e a espiritualidade de Israel. Em Israel, por exemplo, sabedoria

não é cultura conseguida com o acúmulo de conhecimentos, mas o bom senso e o discernimento das situações, ai sim, adquiridos através da meditação e reflexão sobre a vida (COMSHALOM, 2009).

A literatura Sapiencial aparece de várias formas: Provérbios, tipo mais simples, normalmente um par de versos (Prov.). Parábola, uma comparação, longos poemas e hinos (Jó 27,1;29,1). Enigma ou adivinhas, utilizando perguntas (Prov. 23,29ss; Ecl.10,19; 22,14). Diálogos (Jó), Fábulas e alegorias (Prov. 5,15-23; Ecl.12,1-6). O processo de formação desta literatura também é lento e gradual, e a antiga tradição judaica a remete que Salomão é um rei sábio por excelência, o mais sábio de todos (COMSHALOM, 2009).

Outro ponto importante, acerca dos livros sapienciais, derivam de uma certa espiritualidade, um modo de encarar as coisas que vem da própria experiência de vida. Por trás da Sabedoria há um longo itinerário de lutas, ensaios e erros, sucessos e fracassos que toda pessoa mais vivida já conheceu. A Sabedoria não se encontra primeiro nos livros, mas sim numa vida conscientemente vivida, observada, refletida, curtida, sofrida. É daí que nasce a espiritualidade que chamamos sapiencial (CAVALCANTI, 2017).

## 2 NIETZSCHE E O NIILISMO

O niilismo adotado por Nietzsche, vem do latim *nihil*, e quer dizer “nada”, e deve ser compreendido como a não ação, paralisia causada pela falência de um absoluto, como valor ético ou a aniquilação da verdade de um julgamento, ou seja, é visto pela perspectiva nietzschiana como um sintoma da decadência dos valores de uma cultura, decadência que vem a se potencializar na cultura ocidental e moderna (MARQUES, 2014). Nunca é demais lembrar que o niilismo possui lugar de grande destaque no conjunto da obra de Nietzsche, claramente demonstrado, a partir de 1881, através de diversas caracterizações de seu conjunto filosófico (ARALDI, 1998).

Destarte, a história do pensamento metafísico ocidental, contribui de forma inequívoca para o processo psicológico niilista, como sintoma da cultura moderna (MARQUES, 2014). Deste modo, o niilismo não pode ser visto como uma “doutrina”, e sim como um sintoma do “estado das vontades” que condiciona um sentimento”ou afeto, *pathos*, a uma transformação



da “vontade de viver”, como explicou Marques (2014). Neste ponto, uma cultura ou um indivíduo é niilista quando seus impulsos e, portanto, seus instintos mais profundos não desejam mais a intensificação da vida, a manutenção e continuidade, mas, o auto aniquilamento, a negação da vida, ou seja, o nada.

As diversas tentativas de caracterização do niilismo ocorridas após 1881 giram em torno de um eixo comum, qual seja, a desvalorização dos valores. Desse modo, constata-se que o niilismo assume importância e significação na obra tardia de Nietzsche, a partir da investigação da história da moral. Por possuir uma gênese moral, o niilismo se radicaliza na medida em que a interpretação moral se impõe como dominante (ARALDI, 1998). Por volta de 1888, Nietzsche já havia sinalizado um estado de crise, representando uma “crise dos sentidos” ao que denominou de “niilismo”, que seria um fenômeno resultante da derrocada de valores fundamentais da cultura, que insidiam diretamente em questões relativas ao sentido da vida, do trabalho, do conhecimento, das convicções, etc. (SANTOS; SILVA, 2014).

Nietzsche considerou que o sintoma niilista do homem moderno é sinal de um enfraquecimento da vontade, oriundo de uma cultura instituída por uma moral que se consolidaria pela clivagem metafísica do mundo. Logo, haveria um mundo verdadeiro, ideal, suprasensível, valorizado em detrimento de um mundo da aparência, de todas as mudanças do real. Com tal inclinação metafísica do pensamento, segundo Nietzsche, gerar-se-ia um empobrecimento da “vida”, uma despotencialização dos afetos, da “vontade de vida” (MARQUES, 2014).

Portanto, o conceito de niilismo em Nietzsche, se refere a um estado generalizado de decadência dos valores da cultura ocidental moderna, que resultaria no estabelecimento de um grande vazio, um nada, ou melhor, a morte das certezas e do otimismo idealista (SANTOS; SILVA, 2014).

Enquanto processo que dirige a História do Ocidente, o niilismo não se refere apenas à modernidade, lançando suas raízes na Antiguidade, onde o Deus moral transcendente profere um juízo de condenação à existência, pondo já em movimento a lógica do niilismo. Quando Nietzsche se pergunta “de onde provém o mais estranho de todos os hóspedes?”, o niilismo, ele trata de remontar ao contexto de seu surgimento, qual seja, a avaliação moral da existência, e à análise de todas as suas formas e tipos, ao longo de seu desenvolvimento até atingir sua forma

mais radical na modernidade: “o niilismo radical é o convencimento da absoluta insustentabilidade da existência” (ARALDI, 1998).

É importante notar, de acordo com Elia (2018), que Coélet ignorou a possibilidade do julgamento divino após a morte, mas ele percebe talvez haver aí uma falta, uma ausência de algo capaz de explicar e planificar a vida. Somente com a ideia de ressurreição dos mortos, com os autores apocalípticos, se poderá resgatar a sabedoria humana do niilismo. Segundo Nietzsche, os valores culturais ocidentais como a crença na ciência racional e metafísica, e na religião, foram se diluindo no século XIX, a partir do próprio avanço da sociedade.

Nenhuma ciência, neste sentido, conseguiu “aliviar o cansaço da existência humana”, nem um imperativo categórico, nenhum capital, nenhum desenvolvimento, tampouco Deus, o ser onipotente. Por isso, o filósofo anuncia a morte de Deus e dessas outras formas de deidade. Segundo ele, o próprio avanço da ciência e as incertezas construídas em torno do misticismo religioso constataam a morte de Deus. Desse modo, a sociedade o teria criado e matado (SANTOS; SILVA, 2014).

O niilismo é para Nietzsche uma questão fundamental, através da qual a experiência de instauração e dissolução dos valores morais é trazida à problematização filosófica, para explicitar a sua lógica de desenvolvimento. A modernidade é o momento decisivo do processo, pois nela o niilismo se radicaliza e apresenta suas formas mais acabadas. Através do niilismo Nietzsche buscava captar o espírito de incerteza, dúvida e hesitação que acrescia no exercício filosófico e na ação humana moderna (ARALDI, 1998).

É possível, neste sentido, considerar o niilismo como um movimento positivo, pois, por meio dele, fundamentos que se consideravam verdades absolutas e universais, mediante um movimento crítico, são desmascarados, e nos convocam a assumir a responsabilidade, uma vez que proclama a liberdade individual, não mais garantida, nem sufocada por nada, como bem desenhou Santos e Silva, em suas pesquisas.

3 COELÉT E SUA RENDIÇÃO, NIETZSCHE E O CONCEITO DE AMOR FATI: ENTRE O TEMOR E A POTÊNCIA

Atualmente, existem pelo menos duas fortes correntes que defendem autorias diversas do livro do Eclesiastes. Uma, é aquela que afirma que seria Salomão o seu autor; enquanto outra busca comprovar que o autor do livro não poderia ter vivido numa época tão remota, e o localizam no pós-exílio. A corrente que defende a autoria do rei Salomão se baseia no argumento de que o autor se apresenta como “rei em Israel”, logo nos primeiros versículos (Ec 1.1), além de descrever as atividades típicas da realeza no cap. 2. Essas atividades apontariam, com certa clareza, a vida do rei Salomão, principalmente no que se refere à questão da sabedoria, da riqueza e da experiência de vida. No mesmo capítulo, o autor fala sobre a vaidade e a inutilidade de suas obras, fazendo-se parecer como uma pessoa cansada pelo tempo, até então detentora de muito poder e riqueza, e que agora estaria refletindo sobre sua vida, no momento do envelhecimento e da morte próxima.

De acordo com Ziegler (2006), em Eclesiastes o personagem do rei Salomão serve de pano de fundo argumentativo para introduzir as reflexões seguintes, ou seja, nem todo o poder, nem toda sabedoria, nem toda a riqueza deste mundo salvam o ser humano de duas constatações básicas. Logo, para o autor de Ec, não se podem conhecer os desígnios divinos, e nenhum ser humano é imortal. Se não, vejamos:

O reconhecimento de que a sabedoria tradicional nos moldes de Salomão não resolve esse tipo de crise é o primeiro passo para o Ec assumir que dentro dele existe uma sombra. Esta sombra está alertando para o fato de que algo em sua vida não vai bem: a sabedoria que o Ec conheceu até agora não vai ajudá-lo porque parte do princípio de que ela não pode redundar em fracasso. Dessa forma, ela acaba se voltando contra o indivíduo em crise, ao invés de ajudá-lo a superar suas fragilidades. O Ec resolve encarar o aviso da sombra e iniciar um caminho em busca do verdadeiro crescimento interior (ZIEGLER, 2006, p. 141).

O temor do Senhor é o princípio do conhecimento, mas os insensatos desprezam (Provérbios 1). Obedecer aos mandamentos de Deus é um verdadeiro sinal de que o seu amor pelo Criador é vivo. Existem, na Bíblia Sagrada, diversas passagens sobre a obediência, temor e prazer em Deus. Conforme ensinamento em João 14:15: “Se você me ama, você guardará meus mandamentos”. Outro exemplo pode ser constatado em Atos 5:29: Mas Pedro e os apóstolos responderam; ‘Devemos obedecer a Deus antes que aos homens’”.

Assim sendo, temor significa ter respeito, pois quando tememos a Deus respeitamos a sua majestade o seu poder, plenitude e sua soberania. O reflexo do temor está nos atos

e nas palavras. O temor a Deus nos ajuda a agir com respeito e referência ao Pai. Conforme passagem de Salmos 111:10, “O temor do Senhor é o princípio da sabedoria, e todos os que cumprem os seus preceitos revelam bom senso. Ele será louvado para sempre!” Ainda no livro de Salmos, encontramos o seguinte entendimento: “Toda a terra tema ao Senhor; tremam diante dele todos os habitantes do mundo.”

Nietzsche, deslocado do tempo de Salomão, revelou em suas obras o seu amor pela arte, pela dança, pelo corpo e especificamente pela vida, em toda sua dimensão e sensação. Ainda, apresenta em sua obra “A Gaia Ciência”, o Amor Fati, traduzido como amor pelo destino, que será seu conceito principal, neste artigo, conjuntamente com o desenvolvimento humano, suas transformações de pensamento e de conduta, principalmente na sociedade capitalista e a relação da vida marcada pelo consumismo e pela tecnologia na era contemporânea (SALVES, 2021).

Nas palavras de Nietzsche:

Amor fati [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja desviar o olhar! E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim! (NIETZSCHE, 2001, p. 187-188).

Nietzsche pode ser um filósofo muitas das vezes interpretado como o crítico de tudo, porém ele também é um reconhecedor do grande valor contido na vida, no prazer, na música e na sabedoria de se viver intensamente. Para tanto, nos apresenta seu conceito de Amor Fati, o amor pelo destino. É na circunstância da vontade de potência, que o amor fati ergue-se, pois a própria vida é vontade de potência (além de tudo a sua volta) essa vontade de potência nos seres humanos é a causa de crescimento e de novos valores, o contrário dos homens fracos que se moldam para apenas sobreviver, portanto, a afirmação da potência é o dizer sim (SALES, 2021).

Nietzsche, para “provar” sua tese, investe em um argumento centralizado na vida, ou seja, se desvencilha por completo de uma argumentação lógico-formal, categórica típica da tradição que o antecede, fortalecendo ainda mais seu critério de filosofia. Concordamos com a máxima de que todas as coisas que nos sucedem resultam no melhor possível, se

compreendemos que o amor fati permite, em certo sentido, a suspensão do sofrimento em sua completa afirmação de tudo aquilo que é necessário (e, para o filósofo, tudo aquilo que vivenciamos é necessário): “Eu mesmo nunca sofri por tudo isso; o necessário não me fere; amor fati é minha natureza mais íntima” (SAAVEDRA, 2018).

Assim falou Nietzsche:

Não quero silenciar minha moral, que me fala. Viva retirado, para que possa viver para si! Viva na ignorância daquilo que seu tempo considera mais importante! Ponha, entre você e o hoje, uma pele de ao menos três séculos! E a gritaria de hoje, o barulho das guerras e revoluções, não deve ser mais que um murmúrio para você! Você também quererá ajudar, mas apenas aqueles cuja miséria compreende inteiramente, pois têm com você uma dor e uma esperança em comum (os seus amigos e apenas do modo como você ajuda a si mesmo), eu quero fazê-los mais corajosos, mais resistentes, mais simples, mais alegres! Eu quero ensinar-lhes o que agora tão poucos entendem, e os pregadores da compaixão menos que todos, a partilha da alegria! (NIETZSCHE, 2001, p. 228).

Nietzsche conclui de forma enfática: “atacar as paixões pela raiz significa atacar a vida pela raiz, a prática da Igreja é hostil à vida”. Ainda, em Nietzsche, o Amor Fati está ligado ao eterno retorno do mesmo, o qual Zaratustra vem para anunciar, pois para o filósofo o conceito de eterno retorno se caracteriza pela eternidade na própria existência finita, ou seja, na nossa vida pela terra e não em outro “mundo”, como por exemplo pensa o cristianismo, mas é o eterno retorno que se mostra como oposição e forma de enfrentamento ao niilismo negativo. Só podemos compreender o Amor Fati, depois da desconstrução e crítica feita por Nietzsche da cultura, moral e verdade moderna (SALES, 2021).

Também o Amor Fati, trazido pela filosofia Nietzscheana, expressa a qualidade e habilidade dos seres humanos para viver e experimentar todos os acontecimentos da vida, tomando sua realidade no agora que sempre retornará, tanto nos momentos bons como nos ruins, amando assim seu destino e afirmando a plena existência (SALES, 2021).

Nesse sentido, é possível pensar o amor fati como a radicalização do conceito de vida como obra de arte, já que o amor fati leva às últimas consequências a justificação estética da existência ao atribuir uma valoração equânime às alegrias e às desventuras, ao belo e ao feio. A vida, tornada suportável como obra de arte, torna-se ainda mais desejável

e digna com o amor fati. “Eu bem gostaria de fazer algo para lhes tornar o pensamento da vida mil vezes mais digno de ser pensado” (SAAVEDRA, 2018).

Nietzsche, neste sentido, critica duramente a modernidade que avançou com o pensamento racional e com a técnica, mas que joga o ser humano a acreditar e se iludir totalmente com a garantia de futuro pela ciência e que mais tarde se frustra com essas promessas do progresso científico que já não pode sustentar todos os ideais de futuro perfeito para a humanidade. Para tanto, Nietzsche radicalmente anuncia que Deus está morto, designando com a sua sentença a mudança dos valores divinos para os valores humanos, pois agora é a inteligência humana que deverá controlar a sociedade (SLAES, 2021).

## CONCLUSÃO

Salomão desamparado pela gnosiologia, deixa a especulação filosófica e se ampara na revelação Divina. Neste ponto, Deus se revela no processo, sobrepondo-se aos limites do pensamento humano, que nas palavras do próprio autor o reduz fisicamente ao nível existencial de qualquer dos animais, e mostra a grande diferença entre nós e eles ao final, porque nosso fôlego (alma e espírito ou percepção existencial transcendente) tem destino diverso dos animais porque é diferente destes, isto é, o nosso sobe para cima para viver uma nova existência, enquanto o deles desce ao pó com o corpo e desaparece ali. Deste ponto em diante a revelação divina o traz a condição humana, mostrando-lhe qual a porção humana nesta vida, porque na etapa seguinte da sua existência nada o fará retornar para ver o que ocorrerá depois de seu tempo.

Coélet, com uma visão pessimista, aponta aspectos negativos da vida, desconsiderando qualquer ponto positivo no curso da história. O elemento tempo e trabalho ganha eco no pensamento do autor, que inseguro ao tempo e suas consequências, encontra razão em viver um dia de cada vez. Nietz, em uma de suas teorias do niilismo, afirma que o ser humano chega a sua real condição ao negar valores, conceitos religiosos e morais. Crítico da cultura Ocidental, via no amor uma oportunidade de aceitar os processos como eles são, incluindo suas crueldades, e ambiguidades. Para Nietz, essa visão é conhecida por amor fati, ou amor ao destino. A vida é incerta, não é exata, ela é superável, cheia de crises, esperança, amor, orgulho, construção, projeção, imperfeita e instabilidade.

## REFERÊNCIAS

ARALDI, Clademir Luís. Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche. *Cadernos Nietzsche* 5, 1998, p. 75-94.

BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. Nietzsche: niilismo e genealogia moral. 2003.

CAVALCANTO, Tereza. O livro do Eclesiastes. 2017. Disponível em: <<https://ceseep.org.br/o-livro-do-eclasiastes/>>. Acesso em: 18 out. 2021.

COMSHALOM. Os livros Sapienciais da bíblia. 2009. Disponível em: <<https://comshalom.org/os-livros-sapienciais-da-biblia/>>. Acesso em: 15 out. 2021.

ELIA, Maria Cristina da Fonseca. Eclesiastes 3,1-15 e Cecília Meireles: uma aproximação entre o tempo e a vida. *ATEo*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 58, p. 21-42, jan./abr.2018.

L'OSSERVATORE ROMANO. Cidade do Vaticano. Coélet nosso contemporâneo. 2021. Disponível em: <<https://www.osservatoreromano.va/pt/news/2021-02/por-005/coelet-nosso-contemporaneo.html>>. Acesso em: 09 out. 2021.

MARQUES, Gordiano Bruno de Lacerda. Modernidade e Niilismo em Nietzsche. *Revista LAMPEJO*, n. 5, 2014, p. 151-164.

O TEMPO. O Eclesiaste seria uma psicofonia do espírito de Salomão?. 2016. Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/opiniaio/jose-reis-chaves/o-eclasiastes-seria-uma-psicofonia-do-espirito-de-salomao-1.1359428>>. Acesso em: 17 out. 2021.

SAAVEDRA, Roberta Franco. Amor Fati e eterno retorno no livro IV de “A gaia da ciência”: uma interpretação estética da existência. *Revista de Filosofia*, v. 18, n. 2, 2018.

SALES, Ana Carolina Ferreira. O amor fati como afirmação da vida segundo Nietzsche. *Filosofia Contemporânea*, edição 112, 2021.

STORNILOLO, Ivo. A porção do homem (A vida humana segundo o Coélet). *Vida Pastoral*. Disponível em: < <https://www.vidapastoral.com.br/artigos/temas-biblicos/a-porcaio-do-homem-a-vida-humana-segundo-o-coelet/>>. Acesso em: 11 out. 2021.

ZIEGLER, Erica Luisa. “Eu exalto a alegria...” (Ec 8.15). *Morte e fruição da vida em Eclesiastes a partir da psicanálise de Jung*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2006.